

RESENHA

SILVA, V. L. G.; SOUZA, G.; CASTRO, C. A. (orgs.). **Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. Vitória: EDUFES, 2018. 470 p.

Gecia Aline Garcia¹

Na tentativa de reunir uma rede de pesquisadores em âmbito nacional e internacional que estudam a temática da Cultura Material Escolar, a Prof.^a Dr.^a Vera Lucia Gaspar da Silva², a Prof.^a Dr.^a Gizele de Souza³ e o Prof. Dr. César Augusto Castro⁴ organizaram a obra intitulada “Cultura Material Escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades”. Embora existam outros livros que reúnam textos sobre a Cultura Material Escolar no Brasil, a obra aqui referida destaca-se não somente por colaborar com debates na dimensão material, social e histórica da cultura escolar, mas também por apresentar aos leitores possibilidades de manejo teórico e metodológico a respeito do tema. Com isso, a organização da obra reuniu pesquisadores renomados, revelando os avanços de pesquisa e o quanto a temática se tornou profícua ao longo dos anos. Publicada pela

1 Doutoranda pela Universidade Federal do Paraná. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Bolsista CAPES. ORCID: <http://orcid.org/000-0002-8934-3741> gecia.garcia@gmail.com

2 Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Pós-doutorado realizado na Universidade de São Paulo (USP). Professora titular da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), atuando na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Educação (mestrado e doutorado). Integrante do Grupo de Pesquisa Observatório de Práticas Escolares (OPE). Bolsista do Produtividade em Pesquisa, do CNPq. E-mail: vera.gaspar.udesc@gmail.com

3 Doutora em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-Doutora em Educação pela Università degli Studi di Firenze/Itália. Professora do Setor de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Educação Infantil (NEPIE). Editora Editora Chefe da Educar em Revista (UFPR). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-6487-4300>. E-mail: gizelesouza@ufpr.br

4 Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (1998). Pós-Doutor em Educação pela USP (2006) e pela Universidade do Porto (2011). Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no Programa de Pós-Graduação em Educação e no Curso de Biblioteconomia (UFMA). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pará (UFPA). Coordenador do Núcleo de Estudos e Documentação em História da Educação e Práticas Leitoras (NEDHEL). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7650-895X>. E-mail: cesarcastro@ufma.br.

Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (EDUFES), na forma impressa e em *e-book*⁵, o referido exemplar faz parte do 14º volume da “Coleção horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil”.

Pode-se dividir a trajetória de produção do exemplar em dois momentos: um que decorre das experiências acumuladas pelos autores em torno da história da materialidade escolar; e outro que marca a ação desses sujeitos como promotores de uma agenda de pesquisa sobre a Cultura Material Escolar.

Em relação à formulação da proposta editorial, os organizadores citam como primeiro movimento o encontro na Itália, em agosto de 2014, entre Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar, em função de seus estudos acadêmicos. Posteriormente a isso, foram incluídas no projeto as contribuições e participação de César Augusto Castro, um parceiro acadêmico de longa data das autoras. Já nos anos de 2014 e 2015, um caráter mais definitivo foi dado à obra a partir da interlocução com os demais pesquisadores, por meio da realização conjunta de projetos e seminários sobre a cultura material. Entre estes, os autores destacam o colóquio sediado em Curitiba, em 2015, intitulado “Colóquio História da Educação, Infância, Cultura Material”, contando com a participação de vários estudantes e professores(as) de história da educação da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP e Universidade Federal do Paraná – UFPR⁶. Outro percurso importante, que promoveu muitos diálogos para a composição da obra, foi a participação dos organizadores no “*III Colloquio Internazionale sulla Cultura Materiali della Scuola: produzione, uso e circolazione di arredi e sussidi scolastici tra Europa e América Latina tra '800 e 1900*”, realizado em 2017, na *Università degli Studi di Macerata* (Itália), berço da versão italiana da obra.

Em relação aos espaços de interlocução que contribuíram para a agremiação de experiências, os organizadores citam: o Projeto de Pesquisa, de âmbito nacional, “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 – 1950)”, coordenado por Rosa Fátima de Souza; o Grupo Temático G2 –

5 SILVA, Vera Lucia Gaspar da; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (orgs.) **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. 460 p. (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil ; v. 14) Modo de acesso: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11346>

6 O evento também contou com palestra de abertura proferida por Cynthia Greive Veiga, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

“Cultura Material Escolar: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870 – 1950)”;

o Projeto de Pesquisa, também coordenado por Rosa Fátima de Souza, “História da escola primária no Brasil: investigação em perspectiva comparada em âmbito nacional (1930 – 1961)”, que contou com a participação do “Grupo Temático G3 – Cultura Material Escolar: a materialidade da escola primária graduada pelo estudo da Cultura Material Escolar (SE, MA, PR, GO e SC)”. No contexto internacional, os organizadores pontuam as contribuições para o campo da Cultura Material Escolar dos educadores e historiadores António Nóvoa e Agustín Escolano Benito.

A obra conta com Prefácio de Marcus Levy Bencosta, que descreve a publicação como uma bibliografia especializada, com sólida pesquisa empírica e que poderá colaborar com formas inovadoras de pensar sobre a história da escola e o uso de seus artefatos. Na sequência a coleção introduz uma apresentação dos organizadores, na qual contam os caminhos trilhados para a organização da obra bem como para o seu arranjo bibliográfico. O corpo de debate reúne dezesseis artigos escritos por vinte e quatro professores(as) pesquisadores(as), de diferentes universidades estrangeiras e nacionais. O livro é encerrado com Pós-fácio de Juri Meda, “Patentes e monopólios industriais: novas fontes para uma história da indústria escolar – primeiras sondagens nos arquivos italianos (1880 – 1960)”, no qual trata de um conjunto de arquivos italianos que podem ser potentes para desvelar a história da indústria escolar a partir das patentes industriais relativas aos móveis escolares.

O texto que inaugura o debate sobre a Cultura Material Escolar trata-se do estudo de Cynthia Greive Veiga, intitulado “A história da escola como fenômeno econômico: diálogos com história da cultura material, sociologia econômica e história social”. Ao olhar para o processo de institucionalização da escola elementar e as condições de estudos das crianças e do trabalho dos professores, a autora tenta identificar, sob os aspectos da oferta e da demanda escolar, um fenômeno econômico. Veiga explica que, desde o século XIX, modos muito diferenciados foram mobilizados pelas elites, dirigentes, familiares e as camadas mais pobres para a instalação da escola pública obrigatória. Sendo assim, a partir da cultura material é possível pensar as tensões presentes nas relações sociais que produziram a escola como necessidade social e as dificuldades para satisfazê-la.

No segundo artigo, de autoria de Dominique Poulot, intitulado “Uma nova história da cultura material?”, observa-se o intento do autor

em demonstrar, por meio de diversas perspectivas teóricas sobre a questão do consumo, como este conceito pode alargar a compreensão da cultura material. No entanto, Poulout ressalta que, por mais que a categoria do consumo seja um elemento-chave para a compreensão de uma nova história da cultura material, é importante salientar que o ciclo do consumo não esgota as suas virtualidades históricas, sendo necessário estar atento às circulações, apropriações e outros usos que também fazem parte da vida cronológica do objeto.

Partindo do pressuposto de que o patrimônio material da escola é uma espécie de registro da chamada cultura empírica das instituições educativas, o terceiro capítulo, escrito por Agustín Escolano Benito e intitulado “Etnohistória e cultura material da escola: a educação nas Exposições Universais”, parte da leitura dos signos indiciários para uma análise etnográfica e hermenêutica. O autor considera as Exposições Universais como um campo de estudo de alto valor testemunhal para captar as invenções que instrumentaram os primeiros modos de produção escolar, desenvolvidos em paralelo com as origens dos sistemas nacionais de educação.

Vera Lucia Gaspar da Silva e Gizele de Souza, em “Objetos de utilidade prática para o ensino elementar: museus pedagógicos e escolares em debate”, centram a análise no que denominam objetos de uso prático. Materiais que tiveram, nas Exposições Universais, durante o século XIX e início do século XX, um forte vetor de difusão e que chegaram ou passaram a compor as escolas por meio dos museus pedagógicos e escolares.

Heloisa Barbuy, em “Escola e museu: experiência sensível e didatismo como eixos comuns”, percebe que as feiras universais, os museus pedagógicos e mesmo aqueles construídos nas escolas reverberaram uma cultura de exposições conformada com a linguagem do século XIX. Desse modo, a autora destaca que esses espaços contribuíram para a exibição material demonstrativa e didática das coisas e do mundo.

Cristina Yanes Cabrera e Guadalupe Trigueros Gordillo, em “*La patrimonialización de la cultura escolar en España: discursos y escenarios*”, têm como objetivo abordar os diferentes modos como se configuram os discursos museográficos e a patrimonialização da cultura escolar na Espanha, representada fundamentalmente em seus aspectos material e imaterial.

O sétimo artigo da obra intitula-se “*Posibles metodologías de trabajo histórico sobre la cultura material de la escuela: entre el material*

didáctico y los catálogos de enseñanza – primeros resultados de una investigación en curso”. Nesse estudo, Marta Brunelli discute a circulação dos artefatos escolares na Itália nos anos finais do século XIX e na primeira metade do século XX. A autora opera com materiais didáticos de teor científico que estão conservados nas coleções de algumas escolas italianas, buscando identificar a circulação e os consumos dos objetos descritos nos catálogos, o que pode revelar a evolução de um nicho industrial e de um mercado escolar.

Em “Higienismo e Cultura Material Escolar: notas sobre a invenção dos objetos e de suas funções”, Heloísa Helena Pimenta Rocha aborda os objetos e os equipamentos utilizados na escola primária paulista, sob orientação dos médicos higienistas nas primeiras décadas do século XX. Dessa forma, a autora investiga as escolhas, sentidos e engenhosidades que a cultura desses objetos pode revelar.

Tomando como objeto as carteiras escolares, Wiara Rosa Rios Alcântara e Diana Golçalves Vidal, em estudo sobre “Corpo e matéria: relações (im)previsíveis da Cultura Material Escolar”, sugerem uma reflexão sobre o impacto da materialidade na formação da corporeidade discente. Entre as tensões e interações do âmbito escolar, as autoras procuram identificar as relações presentes entre o objeto, o corpo, os modelos e as práticas pedagógicas.

O texto de César Augusto Castro e Samuel Luis Velázquez Castellanos, intitulado “A escola como vitrine: os objetos escolares nas exposições do trabalho no Maranhão Império”, décimo capítulo, é dividido em duas partes: na primeira, os autores buscam compreender, a partir da imprensa maranhense, o sentido e o deslubrimento de Gonçalves Dias (1857) pelas Exposições Universais e as contribuições que elas ofereciam para a instrução pública; na segunda, centram sua análise na Exposição do Trabalho, realizada em várias edições no Maranhão oitocentista, e nos artefatos escolares que nela circularam.

O décimo primeiro artigo intitula-se “Com a palavra, as carteiras escolares” e foi escrito por Heloísa Helena Meirelles dos Santos e Ana Chrystina Venancio Mignot. Tendo como fonte principal do estudo uma carta administrativa de Lourenço Filho enviada a Anísio Teixeira, as autoras evidenciam que a carteira escolar é tomada por esses educadores como um item importante para a reforma do ensino na década de 1930, no Rio de Janeiro. Por meio do estudo sobre a carteira escolar, Santos e Mignot sustentam que é possível desvelar a dinâmica das salas de aulas,

o modo como os corpos ocuparam esse artefato, as concepções morais e a própria relação dos docentes e docentes com essa materialidade.

Embasada pelas teorias do ator-rede (Bruno Latour, 2005) e dos estudos visuais (Thomas Mitchell, 2002), Inés Dussel em “Objetos, imágenes y tecnologías como fuentes para la historia de la educación: reflexiones desde una práctica de investigación”, relata como a sua trajetória de pesquisa sobre a história dos uniformes, dos ritos e do regime de aparências no âmbito da Cultura Material Escolar contribuiu para que pensasse novas abordagens de análise sobre os objetos. Desse modo, o desafio que a autora propõe é implicar a memória como prática de investigação, permitindo reunir outras informações, mais coletivas, sobre a peça documental.

Martin Lawn, em “A materialidade dinâmica da educação escolar: professores, tecnologias, rotinas e trabalho”, chama a atenção para os sentidos que damos aos objetos, aos usos que são atribuídos a eles e às redes heterogêneas em que estão ativos e conectados com sujeitos e práticas. Desse modo, o autor levanta algumas possibilidades de análise sobre a sala de aula quando vista como a construção de uma tecnologia social, no sentido de que esses objetos, a materialidade e o edifício são geradores de uma escolarização e de métodos de ensino.

O décimo quarto artigo da obra foi escrito por Rosa Fátima de Souza e Rosilene Batista de Oliveira e intitula-se “A tecnologia educacional na investigação histórica da Cultura Material Escolar”. No estudo, as autoras interrogam-se sobre a relevância e o lugar da tecnologia educacional na investigação histórica da Cultura Material Escolar. Desse modo, o texto está dividido em três momentos: no primeiro, as autoras discutem o conceito de tecnologia educacional, percorrendo sobre as variações que o termo foi adquirindo ao longo do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos; em um segundo momento, é analisado o acontecimento que ficou conhecido no Brasil como “movimento da tecnologia do Brasil”; e, por fim, as autoras tecem considerações sobre as relações existentes entre a Cultura Material Escolar e a tecnologia educacional.

O décimo quinto texto tem como título a “Cultura material na escrita da história curricular de uma instituição de ensino secundário do sul de Mato Grosso (1939 a 1970): espaços, objetos e práticas” e foi escrito por Eurize Caldas Pessanha e Fabiany de Cássia Tavares Silva. Nesse estudo, as autoras discorrem sobre os projetos de modernização e escolarização que eram previstos para o Liceo Campograndense, uma

instituição que obteve esforços dos dirigentes para ser aparelhada com espaços e objetos especializados para o ensino. Pessanha e Silva concluem que a cultura material que existiu no Liceo revela a construção de uma identidade específica do ensino secundário.

O último artigo é escrito por Rodrigo Rossellini Julio Rodrigues e Silvia Alicia Martínez e leva como título a “Materialidade da escola primária no estado do Rio de Janeiro (1893 – 1922): entre escolas singulares e graduadas”. Nesse estudo, os autores investigam a materialidade das escolas primárias do Rio de Janeiro no ano de 1893, com a primeira reforma do Estado após a implantação do regime republicano, e o ano de 1922, com a criação de diversos edifícios construídos para a finalidade escolar. A partir desse recorte temporal, os autores demonstram aspectos da Cultura Material Escolar fluminense, marcada por descontinuidades e também por diferentes configurações da escola primária.

“Indispensável, cosmopolita, clássico e transnacional” são as palavras utilizadas por Maria Teresa Santos Cunha na contracapa do livro. Sobre as contribuições da obra, a comentarista acrescenta que esta “constrói um conhecimento epistemológico que permite pensar outras e novas bases para o estudo da Cultura Material Escolar em variados solos de linguagem”. Nesse sentido, a coletânea se faz indispensável a todos aqueles que estão ingressando nas leituras sobre o tema, mas também àqueles que desejam aprofundar o seu repertório teórico e as memórias sobre a escola. Faz-se cosmopolita e transnacional justamente por sua narrativa não se ater à configuração nacional, mas se apresentar atuante em um debate que elenca diferentes tempos e lugares.

Por fim, pode-se afirmar que o conjunto de textos que compõe o livro tornam-no clássico por levantar questões do âmbito educacional, fazendo sua consulta inevitável. A obra está para além dos estudos sobre os objetos escolares: ela também articula as relações e as condições de funcionamento da escola, o que inclui observar a relação da comunidade com o espaço escolar, a condição de trabalho dos professores, as formas de provimento durante a institucionalização da escola elementar e a escolarização das crianças, isto é, as interações sociais que envolvem o ambiente interno e externo da escola, permitindo pensar ações políticas, pedagógicas e culturais que são fundamentais para o debate e a compreensão da materialidade escolar.